

DAYSELANE RODRIGUES DE OLIVEIRA

**ESTRATÉGIAS DISCIPLINARES: GOVERNO DO CORPO,
GOVERNO DO EU E DO OUTRO.**

RIO DE JANEIRO

2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DAYSELANE RODRIGUES DE OLIVEIRA

***ESTRATÉGIAS DISCIPLINARES: GOVERNO DO CORPO,
GOVERNO DO EU E DO OUTRO.***

**Monografia apresentada à Escola de Educação da
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro -
UNIRIO para obtenção do grau de Licenciatura em
Pedagogia.**

Orientadora: Prof.ª Dra. MARIA AMÉLIA DE SOUZA REIS

RIO DE JANEIRO

2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA: MONOGRAFIA II

REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:

PROF.º Dr. PIETRO NOVELLINO

DECANO DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS:

PROF.º Dr. LUÍS EDUARDO MARQUES DA SILVA

DIRETORA DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO:

PROF.º Dra. MARIA AMÉLIA GOMES DE SOUZA REIS

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA:

PROF.ª Dra. CARMEN DIOLINDA SANCHES SAMPAIO

PROFESSORA DA DISCIPLINA MONOGRAFIA II

PROF.ª Dra. LIGIA MARTHA COIMBRA DA COSTA COELHO

PROFESSORA ORIENTADORA:

PROF.º Dra. MARIA AMÉLIA GOMES DE SOUZA REIS

RESUMO

A manutenção da disciplina foi, e ainda é uma das maiores preocupações da instituição escolar e em seu nome são criados instrumentos que visam instituir um controle individual, no qual, cada indivíduo deve ser seu próprio vigia. Estes instrumentos disciplinares se constituem através de um controle minucioso das operações do corpo, realizando uma sujeição constante de suas forças e lhe impondo uma relação de docilidade-utilidade. Neste sentido, instiga-nos investigar a gênese disciplinar, enquanto controle do corpo, com destaque para a contribuição da pedagogia jesuítica e da higienista para do processo de disciplinação instalado no Brasil, procurando localizar características peculiares destes momentos históricos no atual cotidiano da sala de aula. Além disto, procurarmos analisamos como a disciplinação contribui para a manutenção da sociedade de consumo. Utilizando os princípios metodológicos da arqueologia-genealogia em Foucault, esta monografia tem como orientação os dados coletados em pesquisa etnográfica junto às escolas do Ensino Fundamental (primeiros anos escolares) e também, as considerações sobre o cotidiano que puderam ser observadas nas falas das Orientadoras Pedagógicas e Educacionais do município de Queimados, que participam do projeto de extensão universitária *Nexus e Sexus*. Nosso estudo mostrou que as táticas disciplinares utilizadas pelas pedagogias jesuíticas e higienistas ainda se fazem presente no cotidiano da sala de aula atual, a influência da primeira pode ser percebida por meio de muitos aspectos dentre os quais destacamos o estabelecimento da ordem enquanto regra fundamental para o funcionamento do espaço escolar, tal aspecto pode ser percebido na maneira de distribuição dos alunos em carteiras individuais as quais são colocados em fila indianas, objetivando limitar os espaços e possibilitar um maior controle do professor sobre seus alunos. Quanto à pedagogia higienista sua influência pôde ser percebida mais claramente nos discursos dos professores que ao tentarem justificar os conflitos entorno da disciplina, colocam a ausência da família como a principal responsável, sem, no entanto, considerar que a ausência destas é, muitas vezes, causada pelas condições de trabalho. A retomada destas táticas disciplinares acirra o conflito entre o professor x aluno, pois, os primeiros tentam estabelecer regras de conduta que se chocam com as experiências vivenciados pelos alunos em seu cotidiano. Frente a tais táticas os alunos podem tentar se adaptar a elas como consideramos ser o caso dos alunos apontados como “bons” alunos, quanto resistir, como é o caso dos alunos tidos como indisciplinados. Neste sentido, este processo disciplinar tem como objetivo estabelecer uma estratificação dentro do espaço escolar para que estes quando identificado na sociedade seja visto como algo normal e necessário.

DEDICATÓRIA

Ao meu avô paterno que com suas histórias de vida me ensinou que é sempre preciso lutar.

À minha avó materna que com suas histórias e seu carinho alegrou minha infância.

Aos meus pais que tornaram este sonho possível.

AGRADECIMENTO

À Deus por sua presença em todos os momentos de minha vida.

À aos meus pais, Jorge e Eliane pelo amor, dedicação e pelo apoio em todos os momentos de minha vida e por terem possibilitado que este sonho se tornasse realidade.

À minha irmã, Dryelle que com sua alegria e doçura infantil faz de mim uma pessoa mais esperançosa.

À Professora Maria Amélia, minha orientadora, que muito me incentivou na execução deste trabalho e a todo o grupo de pesquisa foucaultiano da UNIRIO que é, por ela coordenado pelo incentivo e apoio.

À todos os professores que fizeram parte da minha história escolar, em especial as Professora' Angela Maria, e Tunica que muito contribuíram para a realização deste trabalho.

À Estefania Pereira e a Maria Cecília Florêncio, pela cumplicidade e amizade em todos estes anos de Faculdade.

SUMÁRIO

<u>INTODUÇÃO</u>	p.08
------------------------	------

CAPÍTULO 1: UMA GENEALOGIA DO CONTROLE DISCIPLINAR SOBRE

OS CORPOS NO COTIDIANO ESCOLAR	p. 12
--------------------------------------	-------

1.1. A pedagogia jesuítica e sua contribuição para o processo de disciplinação do Brasil	p. 12
---	-------

1.2 O higienismo e o processo de disciplinação no Brasil	p. 20
--	-------

CAPÍTULO 2: CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES NAS PRÁTICAS

EDUCATIVAS E DISCURSIVAS.....	p. 26
-------------------------------	-------

CAPÍTULO 3: SOCIEDADE DA LIBERDADE X ESCOLA DISCIPLINADORA.

UMA CONTRADIÇÃO?	p.34
------------------------	------

CONCLUSÃO:	p.41
------------------	------

- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p. 43
-----------------------------------	-------

INTRODUÇÃO

Ao me deparar com a tarefa de escrever esta monografia me vi pensando sobre como ocorreu a escolha desse tema de pesquisa e percebi que não poderia afirmar que fui eu quem o escolhi, ou que foi ele que me escolheu, pois acredito que estamos a muitos anos enamorados. Talvez a escolha de um tema seja como uma paixão que tendo sido descoberta nos enche de alegria e desejo de conhecer.

Entre os muitos caminhos que uma paixão pode nos levar, há aquele que nos traz um louco desejo de estar junto, de querer todo tempo ~~as~~ as atenções do objeto amado. Desejo de conhecer tão forte e intenso, que quando se esgota percebemos que é preciso procurar novos caminhos novas paixões. Outro, dos muitos caminhos da paixão que destaco, não mais ou menos racional que o primeiro, é a paixão que de tão intensa, quanto a primeira, se transforma em amor e nos acompanha por toda a vida, por toda a nossa história e nos imprime marcas tão profundas que mesmo que este amor se acabe suas marcas estarão sempre em nossos discursos e ações.

Gostaria de poder localizar meu objeto de pesquisa entre um destes dois caminhos da paixão de conhecer, pois reconheço que estou apaixonada e como todos os apaixonados estou tomada pelo desejo de conhecer cada vez mais sobre o meu atual objeto de desejo que é, investigar como o processo de disciplinaçã dos corpos pode contribuir para a diminuição do desejo de conhecer e para a manutenção do *status quo* das camadas populares.

Na verdade nosso encontro tem se dado durante toda a minha história e até muito antes dela, mas foi somente a partir dos estudos foucaultianos realizados com o grupo de pesquisa coordenado pela professora Maria Amélia Reis, que pude perceber o quanto o processo de disciplinaçã faz/fez parte da minha vida e de toda a história da sociedade ocidental e o

quanto ela se tornou importante para o processo de enquadramento da população segundo modelos e expectativas dos grupos dominantes.

Nesta mesma perspectiva encontramos a sexualidade, que por muitas vezes é utilizada como forma de enquadramento dos comportamentos segundo modelos pré-estabelecidos pelos poderes e saberes centrais. Desta forma, associar sexualidade aos processos disciplinares nos permite encaminhar possibilidades e ações para desmascarar os mecanismos de dominação e controle que se estabelecem no fazer dos professores e professoras, imobilizando-os (as), impedindo-os (as) de superar as amarras em que proliferam o autoritarismo e a reprodução das estratégias disciplinares que mantêm o *status quo* das populações.

Neste sentido, nosso objetivo é investigar a gênese disciplinar, enquanto controle do corpo, com destaque para a contribuição das comunidades jesuítas que se instalaram no Brasil e da pedagogia higienista. Além disto, procurando localizar características, peculiares destas pedagogias, no cotidiano da sala de aula nos dias de hoje e as possíveis conseqüências da utilização de suas técnicas disciplinares na relação professor-aluno. Objetivamos ainda, investigar como o processo de disciplinação, que se estabelece no cotidiano escolar contribui para a manutenção da sociedade atual.

Como argumenta Foucault (1997) em todas as sociedades o corpo está vinculado a poderes que lhe impõe limitações, proibições ou obrigações. Porém, é a partir do século XVIII que o corpo é descoberto como objeto e alvo do poder, sendo exercido sobre ele um grande investimento político, médico, pedagógico de maneira a mantê-lo ao nível da mecânica.

A disciplina vem responder a certas exigências da época como a inovação industrial e o aumento de certas doenças epidêmicas. Vale ressaltar que sua descoberta não ocorreu de forma súbita, pois, ela é o resultado de muitas contribuições de processos disciplinares ocidentais já existente há muito tempo, nas oficinas, exércitos e nos conventos, mas se que intensificaram nos séculos XVII e XVIII com o processo de industrialização.

Entre as instituições que contribuíram para os processos disciplinares, destacamos as comunidades religiosas, já que elas, possuíam sistemas disciplinares que foram adequados aos interesses da classe burguesa. Entre suas contribuições destacam-se a ordenação dos sujeitos dentro do espaço escolar e a divisão do horário.

Desta forma, consideramos relevante a inclusão da pedagogia jesuítica neste estudo por dois motivos o primeiro pela contribuição que as comunidades religiosas deram ao processo de disciplinação e o segundo pela forte influência que esta pedagogia teve no processo de formação do sistema educacional brasileiro. Nesta perspectiva nossa investigação genealógica terá com base textos que abordem a História da Educação Jesuítica.

Quanto à pedagogia higienista, sua inclusão neste estudo se deve ao fato deste momento histórico se destacar na produção de um saber científico sobre o corpo, segundo os interesses da classe dirigente nacional do começo do século XX. Este saber propunha ações disciplinares que objetivavam um controle social da maneira de agir e de pensar das camadas populares.

Sendo assim, utilizando os princípios metodológicos foucaultianos da *arqueologia-genealogia*¹ esta monografia tem como orientação os dados coletados em pesquisa etnográfica nas escolas de Ensino Fundamental (primeiros anos escolares) como, por exemplo, as realizadas na escola Marly Tupacinunga do Município de Nova Iguaçu entre os 17 a 21 de Fevereiro, e na escola Primeira Igreja Batista localizada no município de Queimados entre os dias 05 a 09 maio de 2003, além das considerações sobre este cotidiano escolar que puderam

¹ "(...) a arqueologia seria o método próprio da análise das discursividades locais e a genealogia, a tática que faz intervir a partir dessas discursividades locais assim descrita, os saberes dessujeitados que daí se desprendem." FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 1999.p. 16

ser observadas nas falas das Orientadoras Pedagógicas e Educacionais do município de Queimados, que participam do projeto de extensão universitária Nexus e Sexus².

Nossa intenção ao fazermos este estudo é contribuir para a diminuição das tensões criadas na relação professor-aluno, a partir do foco disciplinar e fazer da escola um lugar de prazer e não de dor. Sendo assim, no 1º Capítulo faremos uma genealogia da disciplinação resgatando documentos históricos sobre a implantação das pedagogias jesuíticas e higienista, no 2º Capítulo passaremos a indicar as continuidades e permanências estas pedagogias no cotidiano escolar. No 3º Capítulo analisaremos a contribuição da escola para o processo de disciplinização das camadas populares e para manutenção da sociedade de consumo.

² Este projeto faz parte do Programa de Extensão Escola Cidadã /UNIRIO - Município de Queimados Projeto Nexus e Sexus: Na formação continuada docente, e é coordenado pela Profª Maria Amélia Reis, as atividades são realizadas toda última quinta-feira de cada mês na secretária de educação deste município com Orientadores Pedagógicos e Educacionais do município. Nestas atividades – cursos, palestras e oficinas – a questão da sexualidade é abordada em sua amplitude, trazendo uma abordagem que perpassa a questão biológica, ao abordar temas como gênero, afetividade, disciplinação do corpo e muitos outros temas que deixam suas marcas no processo de formação dos sujeitos.

CAPÍTULO 1

UMA GENEALOGIA DO CONTROLE DISCIPLINAR SOBRE OS CORPOS NO COTIDIANO ESCOLAR

Este capítulo se destina a fazer uma historiografia do processo de disciplinação dos corpos dentro do cotidiano escolar, porém sabendo da amplitude de tal estudo, ressaltamos dois momentos históricos para sua realização, o primeiro é a pedagogia jesuítica e o segundo a pedagogia higienista.

Ressaltamos que a escolha destes momentos não ocorreu ao mero acaso, mas sim, pela forte influência destas pedagogias no processo de construção do atual sistema de ensino público, além do fato delas possuírem claramente em seus projetos um modelo de homem, mulher e de sociedade que deveria ser construído, de modo a responder aos interesses do grupo no poder no momento de sua instalação.

1.1 A pedagogia jesuítica e sua contribuição para o processo de disciplinação do Brasil

“- Tia, esta escola é feia né? Mais parece uma prisão”.

Escola prisão ou prisão escola, a afirmação acima retrata a visão de uma aluna do 1º ciclo do ensino fundamental, sobre sua escola. Na sua fala podemos perceber que ela não considera sua escola, como uma escola bonita, nem agradável, pois, a compara com uma prisão. Escola fechada em si, e feita para si, no que muito se aproxima das escolas jesuítas, sobretudo após a implantação do *Ratio Studiorum*.

Parte integrante da série de medidas adotadas pela Igreja, como resposta ao crescimento do protestantismo, a Companhia de Jesus (daí o nome jesuítas dado aos seus seguidores) fundada em 1521 por Inácio de Loiola, achava-se vinculada diretamente à

autoridade papal e, portanto, desligada da hierarquia comum da Igreja. Seus adeptos não se retiravam em conventos, mas se misturavam aos fiéis no mundo, sendo por isso, denominados padres seculares. A Ordem obedecia à rígida disciplina militar e tinha como objetivos principais a propagação missionária da fé, a luta contra os infiéis e os hereges.

Suas experiências missionárias mostraram que a maneira mais segura para alcançar seus objetivos era através da conquista das almas jovens e o instrumento mais adequado seria a criação e multiplicação das escolas, daí o grande investimento dos jesuítas na educação.

A companhia possuía uma constante preocupação no preparo dos mestres e na uniformização da ação, daí manter uma formação rigorosa junto às universidades. O Colégio de Messina é apontado como o primeiro Colégio Clássico da Companhia plenamente organizado, ele foi fundado em agosto de 1548, a pedido do Vice-Rei de Messina. Jerônimo Nadal, foi escolhido por Inácio de Loiola para ser o Reitor e professor de hebreu deste colégio. Embora o corpo docente enviado a esta instituição tivesse caráter cosmopolita, duas características serviram como elemento de ligação entre eles, a primeira o vínculo com a fraternidade religiosa e a segunda a formação acadêmica, pois, com exceção de Canísio, professor de retórica que estudara na Universidade de Colônia, os demais docentes se formaram em Paris, o que fez com que, o método parisiense de repetição, disputa, interrogação, composição e declamação fossem escolhidos como o modelo a ser usado na organização deste colégio.

Outro colégio que teve papel de destaque na organização da educação jesuítica foi o Colégio Romano, pois, ele foi planejado por Inácio de Loiola para ser um grande colégio que serviria como modelo para as demais instituições. A escolha de sua sede não se deu por acaso, já que Roma, era considerada a Cidade Eterna, centro da cristandade, residência das autoridades supremas da Ordem, ponto de afluência de bispos e príncipes, de homens de autoridade e de doutrina.

A nova instituição serviu como uma Escola Normal Superior, preparando e adestrando os futuros professores segundo o método jesuítico e pondo-os em contato com aqueles que eram considerados os mais competentes educadores, segundo o modelo jesuíta de educação. Para lá eram enviados relatórios das experiências realizadas em todas as partes do mundo. O plano de ensino utilizado inicialmente era o *modus parisiensis*.

Em junho de 1551, a pedido de Loiola, Nadal enviou uma descrição completa do currículo e dos métodos seguidos no Colégio de Messina. Este primeiro plano de estudos foi enviado a Roma e de lá mais tarde, para os demais colégios que foram fundados nos diferentes países da Europa. Este plano de estudo é freqüentemente citado como *mos et ratio Collegii Romani* e é considerado como um dos primeiros esboços do futuro Ratio.

Outro importante colaborador no processo de sistematização da educação jesuítica foi Ledesma, que entrou para o corpo docente do Colégio Romano em 1557 e nele, permaneceu atuando como professor ou diretor, com breves interrupções, até a sua morte em 1575. A ele coube, juntamente com um grupo de professores, a tarefa de rever e ampliar o programa de estudos em vigor no Colégio Romano desde a sua fundação. Dos 132 documentos publicados no volume do *Monumenta Paedagogica*, 59 foram por ele transcritos ou anotados e corrigidos. Deste imenso trabalho saiu o seu *De Ratione et Ordine Studiorum Collegii Romani*, que embora não tenha sido terminado é apontado como a maior contribuição individual na elaboração do *Ratio Studiorum* definitivo de 1599.

Apesar do plano de estudos, elaborado em Messina e desenvolvido no Colégio Romano, ter ser implantado como norma orientadora dos colégios jesuíticos, as diversidades culturais e sociais, provocaram alterações na organização dos colégios.

Na tentativa de estabelecer um controle destes colégios foi implantado, durante algum tempo, as visitas de Comissários Gerais, que tinham a tarefa de manter tanto quanto possível, a uniformidade de estrutura e desenvolver a eficiência da obra educativa da Ordem. Porém,

esta forma de controle não pôde ser utilizada durante muito tempo, pois a multiplicação das escolas e o grande intervalo entre as inspeções a tornavam ineficiente.

Surge, então, a necessidade de se instituir um código de ensino que se impusesse com a autoridade de uma lei e assegurasse a semelhança e a unidade de orientação da crescente atividade educativa da Ordem. Assim, em 1599, é instituído o *Ratio atque Institutio Studiorum*, no qual se encontrava determinado os planos de ensino, os programas e métodos da educação jesuítica que deveriam ser instalados tanto nos países europeus quanto na Ásia, África e nas Américas.

Parte de um processo de sistematização da educação jesuítica, ele recebeu influência de outros planos de ensino como o *Studio Societatis Jesu*, escrito por Nasal para o Colégio de Messina e revisto por ele provavelmente entre 1564 a 1566 quando então ele era o reitor do Colégio Romano e teria escrito também o *Ordo Studiorum*. Outro plano de ensino cujas influências podem ser percebidas no Ratio é a IV parte das Constituições jesuítica, na qual estão traçadas as linhas mestras da organização didática da Ordem, e que foi escrita por Loiola e colocada em vigor em 1552. Além dos planos já citados Destaca-se também, do *De Ratione et Ordine Studiorum Collegii Romani*, escrito por Ledesma, apesar deste não o finalizado.

Destacamos ainda a atuação do Padre Cláudio Aquaviva, que é apresentado pela literatura como um dos principais responsáveis pela implantação do *Ratio Studiorum* nas escolas, pois, ele dirigiu a elaboração do Ratio durante seu mandato como Geral da Ordem Jesuíta. Eleito em 1581, nomeou durante a Congregação Geral, que o elegera, uma comissão de doze membros para elaborar uma fórmula dos estudos, *ad confeciendam formulam studiorum*. Esta comissão, no entanto não chegou a começar os seus trabalhos, ficando por conta de uma segunda comissão, nomeada por ele em 1584, a tarefa de elaboração do código.

Em Agosto de 1585 esta comissão entregou a Aquaviva o projeto a ser implantado. Este projeto foi lido por ele, por seus assistentes e examinado por uma comissão de professores do Colégio Romano. Em 1586, este projeto foi enviado para ser analisado por cada uma das principais províncias européias da Companhia: Roma, Nápoles, Milão, Veneza, Aquitania, Lião, França, Germânia Superior, Reno, Áustria, Portugal, Polônia, Aragão e Andaluzia. Cada uma destas Províncias deveria escolher os cinco padres considerados mais competentes no *saber e na prudência* para que, estudassem a nova fórmula dos estudos, redigissem seus pareceres e depois o enviasse para Roma dentro de cinco ou seis meses. Desta forma, no final de 1586 começaram a chegar a Roma os relatórios. Após a revisão deste primeiro texto foram feitas algumas modificações no método e depois ele foi implantado por três anos como uma experiência. Assim, em Janeiro de 1599 é instituído o *Ratio Atque Institutio Studiorum Societatis Jesu*, que passa então a ter caráter de lei.

O *Ratio Studiorum* vem estabelecer não só métodos ou conteúdos mais também um modelo de homem e de sociedade. O homem o qual se pretendia formar deveria ser educado e perfeito, o *gentil-homem*, culto e polido, o senhor de terras, da sua casa e do seu rebanho, para os que seguiam o sacerdócio, conforme os padrões da sociedade aristocrata européia da época, sobretudo a francesa já que seu método herdou muito desta cultura.

Seu conteúdo compreendia a formação em latim e grego, em filosofia e teologia. O seu método, predominantemente verbal, compreendia cinco momentos: a preleção, a contenda ou emulação, a memorização, a expressão e a imitação. Seu objetivo era contribuir para a formação de novos sacerdotes e de cristãos.

Devemos ressaltar que a educação jesuítica tinha como primeiro objetivo atender às classes abastadas da sociedade européia, mas por interesses econômicos e políticos ela teve que se dedicar também à educação da população. Por ter possibilitado a formação de novos sacerdotes e da elite intelectual, além de um controle através da fé e da moral da população,

ela é apontada como um dos pontos fundamentais para o processo de colonização das Américas.

No Brasil-Colônia ela teve um papel fundamental na política de colonização portuguesa, pois, após o fracasso das Capitânicas hereditárias é criado o Governo Geral e como nos lembra Ribeiro “*Entre as diretrizes básicas constantes no Regimento, isto é, na nova política ditada então por D. João III (17-12-1548), é encontrada uma referente à conversão dos indígenas à fé católica pela catequese e pela instrução*”.³

Sendo assim, a educação jesuíta vinha de encontro com os interesses da Coroa Portuguesa que desejava que a população indígena fizesse parte do processo de colonização; dos jesuítas, pretendiam convertê-los ao cristianismo e aos valores europeus; e dos colonos porque estes queriam utilizá-los como mão-de-obra escrava.

Embora, as primeiras escolas jesuíticas instaladas no Brasil reunissem em um mesmo espaço os filhos dos colonos e os filhos dos índios os interesses dos grupos no poder na época se sobrepuseram e fizeram com que a ação pedagógica dos jesuítas passasse a atuar em duas frentes distintas: uma na formação burguesa, dos dirigentes e a outra na formação catequética das populações indígenas, mameluca e escrava, ou seja, a ciência do governo para uns e a catequese e a servidão para outros. Para os índios, mamelucos e escravos sobrou apenas uma educação moral que visava à manutenção e aceitação da nova ordem social que estava sendo construída.

Desta forma, podemos considerar que ao ser instalado com a força de uma lei, estabelecendo uma padronização da educação jesuítica o *Ratio Studiorum* foi um forte aliado destes grupos para a dominação da população indígena, pois ele impedia quaisquer renovações personalistas dos padres, visto que, independentemente de onde estes padres

³ RIBEIRO, Maria Luisa Santos. História da Educação Brasileira A Organização Escolar. Campinas, Editora Autores Associados, 1998, p. 18.

estivessem lecionando não poderiam alterar seu currículo e embora Franco argumente que

afirme que:

O próprio Ratio, na sua prudência, previa esta flexibilidade de adaptação e abria-lhe a porta legal. A regra 39 do Provincial dizia textualmente: “Como, porém, na variedade de lugares, tempos e pessoas, pode ser necessária alguma diversidade na ordem e no tempo consagrado aos estudos, nas repetições, disputas e outros exercícios e ainda nas férias, (o Provincial), se julgar conveniente na sua Província alguma modificação para maior progresso das letras, informe o Geral para que se tomem as determinações acomodadas a todas as necessidades, de modo, porém, que se aproximem o mais possível da organização geral dos nossos estudos”.⁴

Fica claro, neste trecho que estas possíveis mudanças se restringiam a uma adaptação organizacional e não na adequação do currículo as necessidades e realidade dos alunos. Notamos ainda, que estas mudanças deveriam ser autorizadas pela autoridade jesuítica na província, o que nos leva a outra característica desta pedagogia que é o seu caráter hierarquizante e centralizador nas tomadas de decisões.

A obediência é outra característica que pode ser notada neste trecho do Ratio, e que possuía um fator central na pedagogia jesuítica, pois ela era vista como uma virtude que deveria ser perseguida tanto pelos alunos, quanto pelos padres, que eram submetidos a uma rígida disciplina de trabalho. Para garantir esta obediência era exercida uma vigilância continua sobre eles e uma hierarquia incontestável que em muitos aspectos lembrava a militar. Os alunos eram classificados no espaço escolar segundo o domínio do conteúdo, pois coloca Franca, a sala de aula era assim dividida:

Há em primeiro lugar os decuriões e censores. Estes auxiliam na conservação da ordem e da disciplina, aqueles corrigem os deveres e tomam as lições. Acima de uns e de outros, toda uma magistratura bem hierarquizada: senadores, tribunos, cônsules, imperador. Toda a aula divide-se em dois campos com as suas organizações político-militares paralelas.⁵

⁴ FRANCA, Leonel S.J. O Método Pedagógico dos Jesuítas – O “Ratio Studiorum” Introdução e Tradução. Rio de Janeiro, Livraria AGIR Editora, 1952 Disponível em: <<http://www.unifra.br/professores/claudemir/ratio1>> Acesso em: 11Out. 2003, p.12.

⁵ Idem, Ibidem, p.35

Neste sentido, a pedagogia jesuítica cuidou de todos os detalhes, como uma forma de garantir a obediência, prevendo desde a posição das mãos a modo de levantar os olhos, os lugares nos quais os alunos deveriam se sentar, enfim todos os instantes. Divisão do tempo, divisão dos espaços, divisão da alma. Assim, instauram uma nova conotação ao tempo, pois, este deixa de ser determinado pelos elementos da natureza para ser determinado por construções humanas, ganhando uma conotação divina, na qual ele deveria ser aproveitado ao máximo e seu desperdício era visto como um pecado e a obediência sua penitência.

Desta forma, através de suas táticas sutis, a pedagogia jesuítica estabelecia uma disciplina de enquadramento dos corpos segundo o modelo e os interesses europeus da época. Hierarquias, obediência, regras incontestáveis e premiação, eram algumas das muitas táticas utilizadas por ela.

Sendo assim, todas as questões que não estivessem ligadas a este contexto, ou que pudessem levar a um questionamento maior, não eram abordadas por sua escola e poderíamos dizer até, que eram por ela desqualificadas, pois, não pertenciam à ordem do discurso vigente.⁶ Neste sentido, a disciplina jesuítica pretendia se instalou tanto nos corpos, como nas mentes e por meio de um “discurso moral”, desqualificou e ridicularizou qualquer cultura ou valores que não eram os europeus.

⁶ “(...) em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.” FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo, Edições Loyola, 2003 p.8-9.

1.2 O higienismo e o processo de disciplinação no Brasil

O crescimento da população ao redor das cidades, que foi um dos pontos fundamentais para a implantação da indústria, trouxe também uma preocupação para a burguesia que via esta população como um perigo que precisava ser controlado, ou melhor, disciplinado.

O controle sempre foi uma das palavras de ordem entre a camada dirigente na sociedade ocidental, porém, o advento da industrialização, no século XVIII, fez com que esta palavra alcançasse o seu mais alto grau de complexidade, ou seja, a disciplina que segundo Foucault se constitui de *“métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade”*.⁷

Assim, o processo de industrialização necessitava de um projeto educativo que disciplinasse os corpos dos trabalhadores segundo suas perspectivas, mas esta disciplina não se limitava aos locais de trabalho ela deveria ir além, se estendendo até o núcleo familiar e fazendo com que mesmo quando os trabalhadores estivessem longe do olhar regulador agissem segundo os padrões de normalidade que a sociedade dirigente tentava lhes impor, introduzindo o efeito do panóptico o qual segundo Foucault se configura como *“uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto”*.⁸

Desta forma, a teoria dos miasmas, que se desenvolveu entre os séculos XVII e XVIII servindo como justificativa para as medidas higienistas, é um exemplo de como os conhecimentos científicos da época foram utilizados para legitimar as políticas públicas de

⁷ FOUCAULT, Michael. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. 25ª ed. Petrópolis, Vozes, 1997, p. 118.

⁸ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 15ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2000, p.167.

higienização do espaço urbano, do ambiente familiar e, conseqüentemente, da vida dos indivíduos.

Tendo em vista alcançar seu objetivo a burguesia fez da escola seu principal instrumento de ação e, é neste sentido, que podemos considerar que a pedagogia higienista vem responder às intenções desta nova ordem que estava sendo implantada, ou seja, ela, assim ^{fr}com a pedagogia jesuítica, fez parte de um processo de enquadramento do corpo segundo o interesse da camada detentora do poder no momento de sua instalação, que no caso desta é representado pela burguesia européia, que via nela um meio de enquadrar *“todos os gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discursos das classes populares e destruir ou apropriar-se dos modos e usos do saber estranhos a sua visão do corpo, da saúde, da doença”*.⁹

Este discurso é instalado no Brasil no século XIX, quando então tem início o processo de construção de uma economia urbano-comercial e de grupos com ideais burgueses que tinham como objetivo instalar no país uma ordem social européia e capitalista. Os principais focos do controle higienistas deste primeiro momento foram o ambiente da cidade colonial e a educação sanitária da elite.

Para o pensamento higienista, que começava a ser implantado a desorganização social, assim como, o mau funcionamento da sociedade eram as causas das doenças. Deste modo, caberia à medicina atuar sobre os componentes naturais, urbanísticos e institucionais para neutralizar todas as possíveis resistências, que eram consideradas como ignorância e mesmo, cegueira do povo.

Neste primeiro momento, é a família da elite brasileira que se constitui como o principal alvo da ação higienista, sendo acusada pela higiene social de não ser capaz de preservar a vida das crianças e dos adultos, a ela foi imposta uma educação física, moral,

⁹ COSTA, Nilson do Rosário Estado, Educação e Saúde: A Higiene da vida cotidiana. Cadernos Cedes. São Paulo, CEDES/ Cortez, nº 4, 1985, p. 7.

sexual e intelectual, cujo modelo tinha como referência a família burguesa européia. Esta educação, que era dirigida principalmente às crianças, alterou os velhos hábitos coloniais modificando os costumes familiares e instituindo o culto à saúde. Seu projeto era substituir a família colonial pela família burguesa nuclear na qual a privacidade é valorizada e o amor entre pais e filhos é o principal responsável pela manutenção da instituição familiar e pelo desenvolvimento físico e sentimental da prole, como argumenta, Costa “*A disciplinarização higiênica quis produzir uma nova família capaz de formar cidadão individualizados, domesticados e colocados à disposição do projeto político das novas elites*”.¹⁰

Este projeto para a família colonial serviu como justificativa das ideologias racistas e dos preconceitos sociais para a exploração das classes populares, já que seu discurso atribuía à características étnicas responsabilidades cujo fundamento real se encontrava em fatores econômicos. Como o principal interesse destas medidas higienistas era a família da elite brasileira, o controle da população até o início do século XX continuou sendo feito através dos velhos instrumentos de coerção, ou seja, através da força policial, do recrutamento militar ou do enclausuramento em prisões e asilos.

Com o início do século XX os olhares dos novos grupos no poder, agora formados pela burguesia republicana, se voltam para as classes populares, pois, estes grupos viram no projeto higienista os argumentos necessários para a implantação de seu projeto de civilização e modernidade, por meio do controle da saúde, da moral e da razão e das classes populares. Este projeto tinha como intenção o controle higiênico dos portos, dos trabalhadores e a elaboração de políticas públicas demográfico-sanitária que visava a questão racial.

Neste sentido, a ação higienista, do início do século XX, tomou como pontos principais para alcançar seus objetivos a organização e o controle da população, que resistia as suas ações arbitrárias e autoritárias. Tal dispositivo de controle se pautava na ação coercitiva

¹⁰ Idem, Ibidem, p. 12

com base no conhecimento científico, o qual foi largamente utilizado como legitimador de suas ações, fazendo com que os profissionais higienistas da época investigassem sobre todos os aspectos que envolviam o cotidiano das camadas populares, estas Investigações que iam desde o seu trabalho na fábrica, passando pelos costumes populares e pela habitação até chegar na higiene pessoal e no convívio familiar.

Vale ressaltar que os ideais higienistas ganham mais força a partir dos anos 20 quando dão às classes dirigentes os argumentos necessários para justificar as conseqüências humanas acarretadas pela implantação da ordem capitalista. Desta forma, os especialistas higienistas formularam teorias que afirmavam que o problema do pauperismo das classes populares era resultado da resistência destas classes às normas de asseio, moral e dos bons costumes.

Dentre os meios utilizados pelos higienistas para difundir seus ideais destacamos os investimentos em educação voltados, sobretudo para classes populares. Com isso, eles pretendiam fazer com que a educação contribuísse para a construção de uma sociedade brasileira que deveria ser a imagem e semelhança da sociedade européia e na qual não houvesse possibilidade de resistência às ações do Estado. Assim, como argumenta Reis:

A educação higiênica com base nos princípios da eugenia e da hereditariedade, além de cuidar e velar pela pureza, sanidade e melhoria da família e da raça, trazem em seu bojo a estreita relação entre ciência, educação, propaganda e legislação com o intuito de levar a contento o projeto político de controle sanitário e moral imposto às camadas subalternas através das técnicas e estratégias da pedagogia da higiene.¹¹

Desta forma, o saber higienista implantou-se dentro do espaço escolar com ações higienizadoras da vida infantil, dentre as quais destacamos, a instalação dos Pelotões de Saúde, em 1924 por Carlos Sá, cujo modelo estava calcado nos padrões higienistas norte americano, europeu e alemão. Estes Pelotões foram estruturados para moldar as crianças

¹¹ Reis, Maria Amélia de Souza. A sexualidade, e o ensino de ciências e saúde na Escola Pública, pela busca do exercício da Cidadania. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, UFF, 1992, p.277-278.

vindas das classes populares, segundo os ideais de moralidade, higiene e saúde dos intelectuais higienistas, objetivando com isso criar hábitos físicos e mentais por meio do estímulo individual do escolar. Já que, os alunos que faziam parte destes pelotões deveriam servir de exemplo para os demais, sua seleção era muito rigorosa, pois, eles eram submetidos a exames médico-odontológicos nos quais eram identificados os possíveis defeitos ou doenças a serem corrigidos e hábitos ou atitudes a serem criados ou modificados, visto que, os higienistas pretendiam estabelecer um padrão de desenvolvimento físico e mental homogêneo.

Estes Pelotões possuíam características disciplinares que em muitos aspectos se assemelhava a disciplina militar, desta forma estipulou uma lista de deveres que pretendiam formar os “hábitos sadios” na população escolar:

- 1-Hoje escovei os dentes;
- 2-Hoje tomei banho;
- 3-Hoje fui à latrina e depois lavei as mãos com sabão;
- 4-Ontem me deitei cedo e dormi com as janelas abertas;
- 5-De ontem para hoje já bebi mais de quatro copos de água;
- 6-Ontem comi ervas ou frutas, e bebi leite;
- 7-Ontem mastiguei devagar tudo quanto comi;
- 8-Ontem e hoje andei sempre limpo;
- 9-Ontem e hoje não tive medo;
- 10 -Ontem e hoje não menti.¹²

Consideramos que esta lista de deveres sintetiza os objetivos das ações higienistas, pois, além de abordar hábitos de higiene, também, traz referência a hábitos relacionados a moral. Aos professores cabia verificar e cobrar dos alunos o cumprimento dos hábitos relacionados na lista, desta forma eles agiam como vigias das ações dos estudantes que por sua vez deveriam ser propagadores das idéias higienistas não só nas escolas como também em suas casas junto as suas famílias.

Queremos sinalizar para o fato de que estes Pelotões foram instalados em escolas públicas, com alunos vindos de famílias de baixa renda, as quais eram, como ainda são, negadas o acesso a serviços públicos básicos como, o saneamento básico e a assistência à

¹² SILVA, Carlos dos Santos. O fracasso do (a) escola(r): questão de ótica - rompendo o ciclo fechado de educação e saúde com a anamnese. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, UFF, 1991, p.18

saúde preventiva, porém o fato dos alunos terem acesso a estes serviços não era considerado e era até mesmo, utilizado como uma justificativa para a ação higienizadora que culpabilizava as famílias dos alunos por não darem a eles as condições necessárias para o que os higienistas chamavam de uma vida digna.

Desta forma, a ação higienista, assim como a jesuítica, não se preocupou com a realidade e a necessidade daqueles para aos quais se destinava, colocando os seus interesses e perspectivas acima dos da população.

CAPÍTULO 2

CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS E DISCURSIVAS

Todos os dias antes de entrar para as suas salas os alunos devem ficar em fila no pátio da escola, meninas de um lado, meninos de outro. A fila é organizada no sentido crescente. Para manter a ordem uma professora diz: 'Firme! Cobrir! Firme! Cobrir!'

Enquanto isto, outras professoras passam entre as filas para ver se todos estão cumprindo as ordens. Durante a execução do Hino Nacional todos os alunos devem cantar e se manterem em posição de respeito como um sinal de respeito, os que não obedecem a esta regra são retirados da fila, sendo eles meninos ou meninas.

O trecho acima descreve uma cena do cotidiano escolar, presenciada durante a observação de uma turma da 2ª etapa do 1º ciclo, do ensino fundamental. Após análise desse discurso, podemos perceber que esta descrição traz consigo características que remontam à pedagogia jesuítica, pois, demonstra uma preocupação com a ordem e a classificação além da aplicação do castigo aos que não obedecem a ordem. Neste sentido, este capítulo terá como objetivo indicar as continuidades e permanências das propostas de disciplinação do corpo das pedagogias jesuíticas e higienistas presentes no cotidiano da escola pública atual e analisar a relação professor aluno a partir dos enfrentamentos provocados por essas influências.

Para esta análise tomaremos como referência a observação descrita acima bem como outras colhidas nas experiências de acompanhamento às escolas de Educação Fundamental (primeiros anos escolares), além das considerações sobre este cotidiano que puderam ser observadas nas falas das Orientadoras Pedagógicas e Educacionais do município de Queimados, que participam do projeto de extensão universitária *Nexus e Sexus*.

Nosso estudo mostrou que a ordem, a obediência e a hierarquia estão entre as características mais marcantes relacionadas à questão da disciplinação cuja influência é a pedagogia jesuítica. A ordem se destaca entre as características desta pedagogia presentes no

cotidiano escolar, isto porque todas as demais objetivam estabelecê-la, ou seja, tanto a obediência, quanto a hierarquia e os horários tem nela seu único fim.

O estabelecimento da ordem enquanto regra fundamental para o funcionamento do espaço escolar pode ser percebido por meio de muitos aspectos, dentre os quais destacamos a maneira de distribuição dos alunos em carteiras individuais as quais são colocadas em fila indiana, objetivando limitar os espaços e possibilitar um maior controle do professor sobre seus alunos. Como coloca Foucault (1997) a limitação dos espaços tem como objetivo limitar as ações, e em nossas observações pudemos notar que o diálogo entre os alunos se destaca como a principal ação que esta distribuição visa limitar, como pode ser comprovado nestas falas :*“A Sala de aula não é lugar de conversa”*. *“Querem conversar!Fiquem em casa!..Na Minha aula eu não vou admitir isto!”*¹³

Podemos considerar que esta limitação dos diálogos se configura como uma limitação dos saberes e, conseqüentemente, dos poderes, pois, como argumenta Foucault *“o poder, quando se exerce em seus mecanismos finos, não pode fazê-lo sem a formação, a organização e sem pôr em circulação um saber”*.¹⁴

Nas falas desta professora podemos percebemos, também, que esta relação professor x aluno se configura como uma relação de ordem hierárquica, já que, todo poder emana do professor o qual estabelece quais atitudes devem ou não fazer parte da dinâmica da sala de aula.

Outra característica da pedagogia jesuítica que ainda hoje faz parte do cotidiano escolar é a distribuição dos alunos no espaço da sala de aula segundo uma classificação. Porém, se durante a pedagogia jesuítica o conteúdo era utilizado como o principal ponto de referência para classificação e distribuição dos alunos, hoje, no entanto, esta distribuição tem

¹³ Discurso de professor do 1º ciclo do ensino fundamental.

¹⁴ Foucault, Michael. *Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*; tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos), p.40.

como principal ponto de referência as características comportamentais dos alunos, pois, aos alunos considerados disciplinados são destinadas as carteiras localizadas na parte da frente da sala enquanto que os indisciplinados são colocados na parte de trás, como pode ser percebido nesta situação a professora estava explicando o exercício enquanto alguns alunos conversavam então, ela se dirige a um aluno que estava sentado no final da sala e diz “ *C. você não deu certo aqui na frente, e acho que não está dando certo aí atrás. A P. e a B. estavam se comportando bem. Vão voltar a se comportar mal?* Com isto, o aluno se vira para frente e uma das alunas prontamente responde “*Não professora, nós estamos quietas é ele que está falando*”

Consideramos que esta situação demonstra que a distribuição dos alunos no espaço escolar tem o comportamento ~~com~~ ponto de referência, pois como ele próprio nos informa, o aluno foi deslocado das primeiras carteiras para as últimas, “por não ter dado certo”, ou seja, não ter se comportado conforme o modelo disciplinar esperado pela professora. O fato dos professores manterem estes alunos na parte de trás da sala se constitui em uma estratégia disciplinar¹⁵ a qual visa evitar que eles atrapalhem os demais e também o trabalho do professor. Esta postura acirra a luta pelo poder entre professor e o aluno considerado indisciplinado, pois, pelo lado do professor o poder se estabelece pela tentativa de manter a ordem e pelo lado dos alunos em tentar destruí-la e conseguir conquistar os mesmos direitos que são dados aos ditos “bons” alunos, na concepção ditada pela ordem discursiva, visto que, “*ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for de início, qualificado para fazê-lo.*”¹⁶

¹⁵ “(...) uma disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos: tudo isso constitui uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer e pode servir-se dele...” FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo, Edições Loyola, 2003, p.30

¹⁶ FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 9ª ed. São Paulo, Edições Loyola, 2003, p.36.

Um agravante deste conflito é o fato de serem dadas poucas oportunidades aos alunos considerados indisciplinados para que se desloquem no interior desta sala, isto porque, este deslocamento está associado a uma compreensão e aceitação das regras de comportamento que fazem parte da dinâmica da sala de aula na qual ele está inserido o domínio do conteúdo abordado.

Nossas observações demonstraram que estas regras podem variar conforme a sala de aula em questão, porém nos cotidianos observados faziam parte desta dinâmica o silêncio durante a explicação do professor e durante a execução das tarefas, assim como o domínio do conteúdo e o estímulo ao individualismo, pois, a todo o momento a professora falava aos alunos que no dia da prova ^oas eles não poderiam contar com ninguém.

Vale ressaltar que os lugares da parte da frente da sala de aula são dedicados aos tidos como “bons” alunos, ou seja, os alunos que apreenderam bem as regras que articulam a dinâmica de sua sala de aula e, a partir daí, estabeleceram o que poderíamos chamar de um acordo tácito com o seu professor, denominação conferida, porque ele não precisa ser pronunciado. Em função deste acordo a relação de poder entre estes alunos e seus professores não será tão conflituosa quanto a dos professores com os ditos alunos indisciplinados.

A obediência às regras disciplinares se constitui um dos pontos fundamentais deste acordo e o seu descumprimento acarreta sanções, ou melhor, a perda dos privilégios que são concedidos a estes alunos como, por exemplo, o recolhimento e a entrega das carteirinhas e dos cadernos da turma como também o direito de ir ao banheiro quando sentem vontade, além de uma posição de considerável *status* sobre os demais alunos, já que são apontados pelo professor como modelo a serem seguidos pelos demais.

Ressaltamos que o mesmo processo hierárquico estabelecido entre os alunos disciplinados e os indisciplinados também é usado para dividir os alunos segundo o grau de “habilidade”. Os alunos considerados “bons” em tarefas relacionadas ao ato criativo são

estimulados ainda mais, o que não ocorre com os que teoricamente não possuiriam tais habilidades, como pode ser observado nesta fala “*Estou dando para alguns alunos, os mais habilidosos que eu sei que sabem desenhar, estes desenhos para que eles ampliem para o nosso trabalho*¹⁷”.

Quanto a influência da pedagogia higienista no cotidiano escolar, nosso estudo mostrou que ela se faz presente, principalmente, no processo de normatização dos alunos, ao apresentar modelos a serem seguidos, e nos discursos dos professores quando estes ao tentarem justificar os conflitos entorno da disciplina, colocam a ausência da família como a principal responsável.

Vale lembrar que a implantação da pedagogia higienista teve como objetivo estabelecer padrões de normalidade os quais tinham como referência a classe burguesa européia e utilizava o discurso científico da época para legitimar suas ações e a escola como principal campo de irradiação de suas idéias. Para alcançar seu objetivo esta pedagogia utilizou como principal tática a implantação de modelos e conseqüentemente a desqualificação dos saberes, das ações e das características físicas e culturais das camadas populares, sem no entanto considerar os valores sócio-econômico e culturais nos quais estavam baseadas. Tal influência pode ser percebida durante nossa observação quando a professora, enquanto passava a mão sobre o cabelo de uma de suas alunas, diz: “*Isto que é menina sempre limpinha, cheirosinha, e estudiosa*”, e virando-se para a turma continuou: “*Vocês deveriam se espelhar nela*”.

Ao analisarmos este discurso podemos perceber a influência da pedagogia higienista na construção do modelo de aluno que esta professora trás, pois em sua fala ela exalta tanto os hábitos de higiene quanto o domínio de conteúdo como características individuais que devem ser perseguidas por todos os alunos, associando-as de tal forma que uma parece não poder

¹⁷ Fala de uma professora do 1º ciclo do ensino fundamental.

existir sem a outra, ou seja, é como se o fato de uma criança ser, ou melhor, está cheirosa fosse característica fundamental para o processo de aprendizagem.

Devemos ressaltar, que embora consideremos que ao pronunciar tal discurso a professora tivesse como objetivo estimular seus alunos a cuidarem mais de si e a se dedicarem mais aos estudos, o que pudemos perceber foi que tais comparações fazem com que os alunos, que não se encaixam no modelo proposto, se sintam cada vez menos estimulados pela escola, pois, entende que o fato de não possuírem estas características significa que não poderão gozar dos mesmos direitos dos tidos como “bons” alunos, como pode ser observado na fala de uma aluna que enquanto observa outra menina corrigindo o exercício no quadro declarou: *“Eu queria tanto, ir no quadro, mas a professora nunca vai me chamar.”*

Analisando esta fala podemos perceber que a aluna compreendia que o fato de não se enquadrar no modelo de aluno valorizado pela professora se constituía em um empecilho para a realização de seu desejo. Em nossas observações pudemos notar que a realização de tarefas para a professora se constitui algo altamente valorizado entre todos os alunos, mas que só os tidos como “bons” alunos são chamados para realizá-las, o que acirra o conflito entre o professor e os alunos que não se enquadram neste modelo e. Isto porque, o enquadramento dos alunos segundo o modelo pode significar muitas vezes uma negação do próprio eu do aluno, ou seja, ele terá que assumir características e posturas que não fazem parte da sua construção enquanto sujeito. Negação da cultura, da família e do eu, pois, é preciso apagar o que não faz parte do modelo padronizado.

Após compreender as características que constituem o modelo de aluno, estes podem aceitá-las ou não, no entanto estas características podem estar ligadas a atribuições físicas e, até mesmo, sociais e econômicas, desta forma, mesmo que os alunos a aceitem nem todos poderão se enquadrar em tal modelo. Assim, os que não se enquadram, ou que resistem a este

modelo, se utilizam de outras formas para se destacar no espaço escolar, como por exemplo, fazendo brincadeiras durante a execução de tarefas, jogando bolas de papel e, até mesmo, implicando com os alunos que possuiriam as características do “bom” aluno. Neste sentido, podemos considerar que estes alunos buscam um reconhecimento de si, mesmo, que este reconhecimento não venha da professora, mas, sim dos seus pares, ou seja, de seus amigos de turma.

Além da influência apresentada notamos ainda, que a pedagogia higienista se faz presente nos discursos dos professores quando estes, ao tentarem justificar os conflitos relacionados à disciplina colocam a família, ou melhor, sua ausência, como a principal, se não a única, responsável pelo conflito, como pode ser observado nas falas das professoras que reproduzimos a seguir:

- A culpa é da família, ela não está mais educando e isto faz com que nós professores, e a escola como um todo, tenhamos que lidar com alunos completamente indisciplinados.
- Na minha opinião os pais estão muito ausentes, eles saem para trabalhar de manhã e só chegam à noite enquanto isto as crianças ficam soltas nas ruas.

Devemos ressaltar que não estamos retirando da família sua importância para a construção dos sujeitos, o que pretendemos é lembrar que uma análise em relação aos embates relacionados à disciplina não pode ter a família como o único foco, pois, o processo de disciplinação se estabelece como um jogo de poder que utilizará táticas variadas e pode conseguir um acordo, como é o caso dos tidos como “bons” alunos, ou o estabelecimento de uma verdadeira luta pelo poder, como ocorre no enfrentamento dos professores e dos alunos tidos como indisciplinados.

Podemos considerar que assim como o discurso higienista, o qual procurava legitimação no conhecimento científico em sua época, os discursos analisados também estão baseados num discurso científico, que neste caso pode ser identificado como o discurso psicológico, o qual tem sido largamente difundido na sociedade e utilizado como o principal, se não o único, instrumento de análise das relações humanas. Descontextualizado de seu

campo de saber, o discurso psicológico que analisa o papel da família para a formação do sujeito se tornou no senso comum a culpa é da família. As condições sociais e culturais nas quais estas populações estão inseridas são desconsideradas, ou então são utilizadas como justificativas, para acusar as famílias como também do indivíduo. Estas análises não consideram que a ausência das famílias é, muitas vezes, causada pelas condições de trabalho que fazem com que os pais tenham que se ausentar de suas casas durante um longo período do dia, fazendo com que as crianças se tornem responsáveis por elas mesmas, pelos afazeres domésticos e, até pelos irmãos, cada vez mais cedo.

Entretanto, dentro do espaço escolar estas crianças se encontram em um jogo de poder, cujas regras muitas vezes significam a negação de quem são, na medida em que, elas são chamadas a se enquadrar em um modelo comportamental que não é o seu e que não condiz com a sua realidade, por isso consideramos que os alunos taxados como indisciplinados, representam na verdade uma resistência a este modelo e suas ações de “rebeldia” são uma tentativa de manter a sua identidade, e nesta luta estas crianças enfrentam a figura que neste momento mais se assemelha ao seu repressor que, neste caso, é o professor.

Enquanto os ditos “bons” alunos representam os alunos que tendo percebido o jogo de poder presente nas regras escolares, escolhem construir meios de adaptá-las a seu favor, conseguindo com isto, não só o respeito do professor, como também, privilégios que não são concedidos a outros alunos.

Assim, podemos considerar que, se por um lado, a escola se utiliza meios arbitrários e autoritários para manter a “ordem”, por outro, percebe-se uma resistência e até, a conseqüente adesão dos alunos a estes instrumentos de controle. Esta resistência tanto pode ocorrer de forma clara, o que poderá levar a novas estratégias que os tornem cada vez mais controlados, como ocorre com os alunos tidos como indisciplinados, quanto de uma maneira dissimulada, o que evitará o confronto, como fazem os alunos disciplinados.

CAPITULO 3

SOCIEDADE DA LIBERDADE X ESCOLA DISCIPLINADORA.

UMA CONTRADIÇÃO?

Tia, eu estou doida para ir à casa do meu primo e quebrar o braço na escada, igual ele fez. Aí eu vou ter que engessar e poderei ficar uns 15 dias em casa, sem precisar vir para a escola, sem fazer dever e sem ficar estudando estas coisas chatas, só vendo televisão.¹⁸

Nesta frase está clara a falta de identificação desta aluna com sua escola, fato que até onde pudemos perceber, se configura como uma constantemente entre os alunos, sobretudo aqueles que não se enquadram no modelo de aluno-padrão cobrado pelos professores. Tal constatação nos levou ainda a questionar, por que ainda hoje a escola se apresenta como desinteressante para muitos alunos?

Neste sentido, alguns caminhos nos foram apontados durante nossas observações, caminhos como os que já abordamos no capítulo anterior, no qual demonstramos que ainda hoje para tentar manter a disciplina, ou mesmo, justificar os conflitos que a envolvem, a escola resgata formas de disciplinação que se mostraram eficazes em outras épocas. Assim, os alunos sobremaneira os da escola pública, ao chegarem à escola têm que se adequar a valores e condutas que não fazem parte do seu cotidiano, valores, estes, que muitas vezes remontam o modelo jesuítico do *gentil homem*, o qual deveria ser culto e polido, o senhor de suas terras e de sua família como também, ao padrão do homem burguês cujo fundamento era a igualdade e a liberdade.

Numa rápida arqueologia da escola pública frente à sociedade atual e a seu discurso, poderíamos considerar que esta não corresponde as expectativas da sociedade para a qual deveria formar, tendo em vista que o discurso pronunciado por ela, cujas bases se encontram na Revolução Francesa, é a plena liberdade e a igualdade entre os cidadãos.

No entanto, uma análise mais apurada de nossa sociedade nos aponta caminhos que justificam esta relação entre a escola cerceadora e a sociedade da liberdade. Nela está inscrita

¹⁸ Fala de uma aluna do 1º ciclo do ensino fundamental.

a liberdade e igualdade a todos, porém, poucos fazem parte desse “*todos*” apregoado e muitos, são os “*outros*” – os renegados. Para alcançar o *status* dos que fazem parte deste *todos* há fundamentalmente uma regra: consumir. Esta é nova religião neoliberal cujo deus é o consumo e onde há somente um mandamento que deve ser seguido à risca: *Consumirá tudo e se preciso for a todos*.

Da mesma forma que as cruzadas ao lutarem contra os hereges abriram as portas do comércio das nações asiáticas para a Europa, hoje o novo *exército da salvação* em nome do seu Deus enfrenta qualquer nação que não lhe preste culto, não importando se esta nação se diga amiga ou inimiga, presidencialista ou ditatorial. Se seus sacrifícios não estão agradando ao novo Deus é preciso exterminá-la, ou melhor, usá-la como exemplo, moldando-a até que ela alcance os padrões aceitáveis, para tal, presidentes ou ditadores, são destituídos e em seu lugar é colocado *outro(s)* que saibam prestar obediência ao novo deus supremo. Para garantir que o novo sacerdote no poder não tente se desviar do caminho, ele é incessantemente vigiado, sendo colocando a seu serviço todo um apoio técnico necessário para que a sua nação possa fazer parte desta irmandade. Se milhares de vida precisarem ser sacrificadas, se outros milhões precisarem ser subjugados, ou se a vida no planeta for ameaçada de extermínio, nada importa, pois o novo *exército da salvação*, fará tudo o que for preciso para manter seu deus supremo satisfeito.

Desta forma, desde a mais tenra idade somos doutrinados para que não pequemos contra o seu mandamento, sejam nos programas infantis, com seus apresentadores-sacerdotes, sejam nos desenhos, ou nos comerciais midiáticos, a todo o momento nos é lembrado que é preciso deixar o novo deus feliz, e que só assim, seremos felizes.

Para que esta felicidade de efetive, é preciso comprar e comprar cada vez mais, e se de repente nos sentirmos tristes basta nos dirigirmos aos novos templos, do deus consumo, os *shoppings*, pois lá encontraremos nossos iguais, nossos irmãos religiosos, que assim como

nós, procuram preencher o vazio que foi deixado por lembranças que nunca foram vividas e por famílias sacrificadas em nome do novo culto, e, certamente, lá encontraremos todo o consolo de que necessitamos -- a felicidade suprema.

Mas, para que esta religião continue existindo é preciso que as necessidades se multipliquem, assim, logo que uma é satisfeita outra será instalada, e nos parecerá muito mais intensa e muito mais vital que a primeira. Desta forma, a vida passa a não ter mais sentido se não possuímos o nosso novo objeto de desejo, - insubstituível, - mesmo que naturalmente este desejo não se manifestasse são criadas estratégias para fazer com que ele se torne essencial, vital para a nossa felicidade, e numa sucessão danosa a nossos espíritos e nossa humanidade seremos tragados por um outro desejo de comprar, de consumir com ainda mais força. Desta maneira, se mantém o ciclo, seja através da última tendência da moda ou do último sucesso da telinha, criam-se novos objetos de desejos e novos padrões. São padrões de beleza, padrões de postura, padrões do querer, padrões que se instalam no corpo e na alma, mas se não se possuímos o nariz perfeito ou a boca perfeita, a cintura perfeita, não há problema, pois a perfeição está à venda nos consultório dos cirurgiões plásticos. Na verdade tudo está à venda basta poder pagar.

Poder pagar é o que diferencia o *todos*, dos *outros*, pois só aos primeiros é dado o direito da tão proclamada liberdade, pois ela nada mais é do que a liberdade da quantidade de consumo, já que não é permitido nem mesmo o direito ao não consumo, pois os que estão fora desta nova ordem, os *outros*, são segundo Bauman:

(...) *consumidores falhos*, - pessoas incapazes de responder aos atrativos do mercado consumidor porque lhes faltam os recursos requeridos, pessoas incapazes de ser 'indivíduos livres' conforme o senso de "liberdade" definido em função do poder de escolha do consumidor. São eles os novos "impuros", que não se ajustam ao novo esquema da pureza.¹⁹

Assim a máxima jurídica "Todos são iguais perante a lei", pode ser traduzida como "todos são livremente iguais perante a lei do consumo". Em nome desta liberdade todas as

¹⁹ BAUMAN, Zygmunt. O mal estar da pós-modernidade Rio de Janeiro: Zahar Editora Ltda. 1997, p. 24.

outras leis podem pode ser subsumidas, pois para garanti-la tudo será colocado em segundo plano e os olhos, da maioria, enfeitiçada, se fecharão para: o trabalho infantil, escravo, assalariado em condições desumanas, prostituição e os exércitos de meninos(as) de rua que crescem a cada dia mais nas cidades. Na verdade, mais do que de olhos fechados estamos com olhar enviesado, míopes de olhos normais, posto que estas situações já não se apresentam mais como novidade para nós, são fatos da vida cotidiana, um pequeno preço a ser pago, pelos outros, é claro, para a nossa felicidade, *para nossa liberdade*.

Da mesma forma que esta liberdade só existe no consumo, a igualdade só pode existir entre os consumidores, os *outros* - os ímpuros - estão excluídos desta igualdade. Mas embora eles possam, aparentemente representar um perigo eles são sua existência é necessária para a manutenção da ordem, pois, é do fruto do seu trabalho que esta sociedade se mantém. Eles marcam a diferença entre o “*todos*” da liberdade consumista e os “*outros*” da massa de “excluídos”. Para garantir que eles não percam sua função dentro da ordem e exerçam seu papel, são criadas estratégias de controle as quais são reforçadas a todo o momento em todas as instituições e em todas as relações pessoais a que estes sujeitos estão inseridos. Assim como nos lembra Reis:

Se, antes, o panóptico era um espaço artificial, historicamente construído e organizado, de forma a manipular o “consciente” das pessoas e as maneiras de agir das instituições, visando manter a transparência falseadora do espaço com relação ao social e ao político, essa nova estratificação, se encontra modelada pelas condições que cria e, nos faz lembrar a arquitetura das cidades contemporâneas, onde cada coisa tem seu lugar e sua função enquanto os pobres, em sua opressão, são cada vez mais afastados do cenário cultural e social da comunidade geral a qual pertencem.²⁰

Desta forma, acreditamos que a partir do que foi dito se torna mais fácil compreender a importância do processo de disciplinação que se estabelece no cotidiano escolar para a manutenção da sociedade, já que ele visa estabelecer a partir da relação professor x aluno o

²⁰ REIS, M.A. (Re)invenção da escola pública: sexualidade e formação da jovem professora. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro,UFF, 2002, p.42.

mesmo jogo de poder existente na sociedade, pois como coloca Foucault: *“Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”*.²¹

Neste sentido, a escola molda os indivíduos, dando a eles condições necessárias para conviver com os incluídos, só que em uma condição inferiorizada, subalterna as quais são reforçadas a todo o momento, seja através do lugar que este aluno ocupa no espaço escolar, seja através do discurso do professor, visando fazer com que eles incorporem tais discursos e os reproduzam com verdades incontestáveis, como pode ser notado nesta fala de uma aluna do ensino fundamental: *“Eu acho que nunca vou aprender isso”*

Assim, a disciplina escolar faz com que a tão proclamada escola para todos, que abarca e convive com a diferença seja na verdade a escola da ação normalizadora, onde os “impuros” devem aprender o seu lugar na sociedade e aceitá-la como fato natural, pois como sinaliza Foucault:

(...) a tática disciplinar se situa sobre o eixo que liga o singular e o múltiplo. Ela permite ao mesmo tempo a caracterização do indivíduo como indivíduo, e a colocação em ordem de uma multiplicidade dada. Ela é a condição primeira para o controle e o uso de um conjunto de elementos distintos: a base para uma microfísica de um poder que poderíamos chamar ‘celular’.²²

Mas, para garantir que a evasão não coloque em risco este projeto são criadas táticas para manter as crianças dentro do espaço escolar, assim cria-se um período mínimo obrigatório para a sua permanência por meio de leis que atribuem responsabilidades individuais e coletivas e criam-se mitos sobre o poder redentor da escola nos quais afirmam-se que a submissão a suas regras são fatores fundamentais para a apropriação de seus saberes, pois, se tais métodos se mostram eficientes a muitos anos, por que mudar?

²¹ FOUCAULT, Michel: *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 9ª ed. São Paulo, Edições Loyola, 2003, p.44.

²² FOUCAULT, Michel: *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 15ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1997, p.127.

Fazendo com que a resistência a tal modelo, se pareça com a luta de Dom Quixote contra dragões que se disfarçavam em moinhos de ventos, e que só se revelavam em sua alucinação, discurso de um louco que precisava ser controlado e aconselhado, por isso, era sempre acompanhado de Sancho Pança que lhe trazia para a realidade corpórea, incontestável, na qual os dragões não passam de moinhos de vento,

Da mesma forma que Sancho Pança, ao olhar para os dragões de Dom Quixote não via nada além de moinhos de ventos inofensivos, nosso olhar normalizado faz com que, embora, saibamos da existência de tais dragões, que ainda hoje assolam a escola, não os vejamos, pois, eles nos parecem moinhos de vento inofensivos que estão lá para o bem da sociedade, como nos revela o discurso desta professora: *“Eu também fiz pedagogia , mas quando se chega na sala de aula é outra história”*.

Mas que história seria esta? Podemos considerar que esta história proclamada pela professora seria a sua dificuldade em colocar em prática o que aprendeu na faculdade, pois, a teoria abordaria uma outra realidade, uma realidade que não pode ser colocada em prática, pois esta é uma outra história. Uma história que não corresponderia a sua realidade, uma história feita de Dons Quixotes e não de Sanchos Panças e que, por isso, seriam histórias irreais. Mas, muitas dessas histórias partiram da prática e se fizeram na prática. O que nos fez perceber que esta outra história é na verdade, a disciplinação das camadas populares, fator necessário a sociedade de consumo e que faz com que a escola, muitas vezes, se apresente, sobretudo, aos alunos vindos das classes populares como:

(...) o mundo do alheamento em relação à vida cotidiana, não consegue trabalhar com a corporeidade plena, com as dimensões infinitas do jogo e muito menos com o prazer; é um local desinteressante, banalizador, autoritário e discriminador para a criança de rua trabalhadora. As brincadeiras da criança são rotuladas de inadequadas e dificultadoras das aprendizagens escolares, e invariavelmente vistas como sinal de impertinência, indisciplina ou falta de atenção.²³

²³ GRACIANI, Maria Stela Santos. Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida. 3ª ed. São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire, 1999 (Coleção prospectiva, v.4) p.166, 167.

Entretanto, se esta é a escola de Sancho Pança, por que não lutar por escolas de Dons Quixotes, onde o olhar minucioso e louco anuncia a presença do dragão e dela, nunca se corre do combate, pois se não o dominarmos seremos por ele, subjugados e destruídos. Sejamos, então Dons Quixotes e não tenhamos medo de anunciar os dragões como fizeram Foucault,

Deleuze, Marx e muitos outros, como também o mestre Paulo Freire que nos lembra:

Uma das tarefas mais importantes das práticas educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se com sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do não eu, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu.²⁴

Nesse sentido, ao assumirmos o olhar Quixotesco poderemos fazer com que a história da disciplina seja substituída pelas muitas histórias, histórias que não param de ser construída e reconstruída, histórias que são formada de conflitos e de tréguas, de ações disciplinadoras, de ações de resistências ou de submissões. Porém, o que se fundamenta nas histórias dos sujeitos, que precisão e devem ser respeitados, sujeitos que podem ou não obedecer a modelos, pois são sujeitos reais que choram, riem, gritam e possuem limites, que erram e que possuem uma história particular e singular.

²⁴FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 22ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura) p.46.

CONCLUSÃO

*“Para o que é isto, Tia? Eu não vou estudar esta porcaria!
Que saco! Que coisa chata!”²⁵*

Retomando a pergunta da aluna me questiono: *“Para que serve a disciplinação do corpo”?*, ou, como nos indaga Reis (2002) sobre a questão da sexualidade mas que também pode ser colocada acerca da questão disciplinar, *“A quem ela serve”?*

Na tentativa de responder aos questionamentos constantes deste trabalho monográfico, fui buscar na gênese deste processo elementos significativos das tecnologias do poder e do controle social presentes nas pedagogias jesuíticas e higienistas. Na primeira percebemos que ela serviu aos interesses da Coroa Portuguesa sendo apontada como fundamental para o sucesso da colonização, já que possibilitou a utilização da mão de obra das populações indígenas em seu processo de conquista e exploração dos bens materiais de nossa terra. Na pedagogia higienista, vimos que ela serviu à organização da classe burguesa, então em ascensão, como uma forma de controle da população, ao atribuir as características físicas e morais, assim como aos hábitos de higiene a responsabilidade pelas mazelas nas quais estavam expostas a maioria da população, eximindo de responsabilidades o capitalismo ascendente e o fator econômico.

Desta forma, no segundo capítulo procuramos localizar a permanência das estratégias disciplinares da pedagogia jesuítica e higienista e suas conseqüências na relação professor x aluno, percebendo que entre as estratégias que ainda hoje podem ser percebidas na escola estão os lugares determinados aos alunos segundo seu desempenho, herança da pedagogia jesuítica, e os discursos que procuram justificar por meio das características individuais ou sociais as dificuldades encontradas pela população, como herança da pedagogia higienista.

²⁵ Aluna do 1º ciclo do ensino fundamental.

Percebemos também que tais táticas trazem uma dificuldade de identificação dos alunos com a escola, pois esta lhes parece um lugar fora de sua realidade e que lhes teria pouca coisa a acrescentar, principalmente, àqueles que não se enquadram em seus modelos.

No terceiro capítulo, refletimos sobre a importância da disciplinação para a sociedade de consumo e verificamos que ela visa transportar para sala de aula as divisões sociais que fazem parte da sociedade atual, ao induzirem os alunos das classes populares a aceitarem seu lugar nesta sociedade como excluídos.

Assim, concluímos que a instalação dos diversos processos de disciplinação está diretamente relacionados ao modelo de homem e de sociedade que se quer construir, pois tanto na pedagogia jesuítica como na higienista, e no atual projeto pedagógico que se impõe, o que se busca é o controle dos indivíduos e uma aceitação da ordem na qual estão inseridos, sendo utilizados para isto, estratégias sutis de disciplinação. Porém, tais estratégias não se estabelecem sem resistência com pode ser percebido no capítulo segundo quando falamos dos alunos indisciplinados.

Assim, queremos esclarecer que não foi nossa intenção esgotar as discussões que possam surgir acerca do processo disciplinar dentro da escola, nem colocar os fenômenos mencionados como uma verdade absoluta que pretende trazer a luz aos ignorantes, pois nossa intenção, por mais audaciosa que pareça, foi seguir timidamente, os caminhos apontados por Foucault e utilizar o próprio poder que emana do saber para apontar uma *“Luta contra o poder, luta para fazê-lo aparecer e feri-lo onde ele é mais invisível e mais insidioso”*²⁶.

²⁶ FOUCAULT, Michel . Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. 2ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1997, p.71

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Chico; GENTILI, Pablo. Educar na esperança em tempo de desencanto. Petrópolis, Editora Vozes, 2001.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da Educação. São Paulo, Editora Moderna, 2000.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. Londres e Paris no século XIX o espetáculo da pobreza. 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1984.
- CAMBI, Franco. História da Pedagogia. Tradução de Álvaro Lorencini. 3ªed. São Paulo, UNESP, 1999.
- CELESTINO, Jussara Garcia. Instituição de um valor: a saúde na escola. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, UNIRIO, 1998
- COSTA, Nilson do Rosário. Estado, Educação e Saúde: A Higiene da vida cotidiana. Cadernos Cedes. São Paulo, CEDES /Cortez, n° 4, 1985.
- CZMBI, Franco. História da Pedagogia. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo, Unesp, 1999.
- FORRESTER, Viviane. Uma estranha ditadura; tradução Vladimir Safatle. São Paulo, Editora UNESP, 2001.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 9ª ed. São Paulo, Edições Loyola, 2003.
- _____. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- _____. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. 15ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2000.
- _____. Vigiar e Punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. 25ª ed. Petrópolis, Vozes, 1997.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- GRACIANI, Maria Stela Santos. Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida. 3ªed., São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire, 1999 (Coleção prospectiva)
- MELO, Joaquim Alberto Cardoso, Educação sanitária uma visão crítica. Cadernos CEDES. São Paulo, Cortez/ CEDES, n.4, 1985
- RIBEIRO, Maria Luisa Santos. História da Educação Brasileira A Organização Escolar. Campinas, Editora Autores Associados, 1998.
- REIS, Maria Amélia de Souza. A sexualidade, e o ensino de ciências e saúde na Escola Pública, pela busca do exercício da Cidadania. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, UFF, 1992.
- _____. (Re)invenção da escola pública: sexualidade e formação da jovem professora. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, UFF, 2002.
- SILVA, Carlos dos Santos. O fracasso do (a) escola(r): questão de ótica - rompendo o ciclo fechado de educação e saúde com a anamnese. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, UFF, 1991.

SITE:

FRANCA, Leonel S.J. O Método Pedagógico dos Jesuítas – O “Ratio Studiorum” Introdução e Tradução. Rio de Janeiro, Livraria AGIR Editora, 1952 Disponível em: <<http://www.unifra.br/professores/claudemir/ratio1.doc>> Acesso em 11Out. 2003



UNI-RIO

Universidade do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Dayzelane Rodrigues de Oliveira

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : Estratégias disciplinares: Governos do Corpo, Governos do eu e do Outro

ORIENTADOR : Maria Amélia de Souza Reis

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

* Primeiro avaliador : Professor convidado

Professor: Angela Maria de Souza Martins

Nota: 9,5 (nove e meio)

Considerações Finais:

O trabalho apresenta uma ótima sistematização de ideias e fundamentação teórica. O tema é de alta relevância, contribuindo para a reflexão das práticas pedagógicas e dos elementos formais de controle que as permeiam. Apenas acho que seria necessário fazer uma revisão, uma verificação das citações para evitar algumas imprecisões. Pela relevância do trabalho atribuo - em última instância, a nota 9,5 (nove e meio).

Angela Maria Souza Martins



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNI-RIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

Rio de Janeiro, 26/04/2004

AVALIAÇÃO DE MONOGRAFIA

ALUNA: DAYSELANE RODRIGUES DE OLIVEIRA

**TÍTULO: ESTRATÉGIAS DISCIPLINARES: GOVERNO DO CORPO,
GOVERNO DO EU E DO OUTRO**

DAYSELANE, é minha orientanda desde 2001. Iniciamos nosso conhecimento mútuo na prática de ações extensionistas onde, sempre muito atenta e comprometida com as condições de vida e trabalho das populações mais carentes, demonstrava habilidades e competências para acompanhar as atividades que realizávamos com os professores no município de Queimados. Fazia de tudo um pouco, merecendo das demais companheiras o respeito por suas idéias e fazeres. Recebendo bolsa pela extensão somente em 2002 legou-nos um trabalho de peso sobre os estudos de Foucault, que passou a constar de nosso relatório de pesquisa.

Apenas em 2003, consegui uma bolsa IC para Dayse, conseguindo com isso que ela, finalmente, pudesse fazer jus ao que vinha elaborando e crescendo com o grupo de pesquisa que criávamos - o Grupo de Estudos Foucaultianos em Educação, ainda não institucionalizado. Todo esse histórico mostra, também, as dificuldades que nós docentes temos que enfrentar para conquistar uma bolsa IC, já que não faz parte das tramas das avaliações, apenas a competência, outros intervenientes se sobrepõem a esta.

A monografia que ora avalio, é fruto de todo esse empenho de Dayselane e de sua história de preocupações. Morando distante e precisando ajudar à família veio, pouco a pouco, dominando a problematização central em seu trabalho de investigação, estudando muito e buscando dados com empenho e segurança. Descobriu caminhos e, por ele, se movimentou com competência, ousou em ir à gênese da história da disciplina escolar, indo da educação jesuítica até o

movimento higienista no Brasil, entendido como campo de controle social da população brasileira, no início do século XX.

De volta da história subiu a montanha, parte da paisagem em que se melhor avista o cotidiano da escola, para nele mergulhar de modo a entender *os comos e os porquês* da disciplinação em sua interferência na prática educativa do(da) professor/professora.

O tema proposto é inovador se considerada a abordagem metodológica seguida, pois não é tão fácil como se pensa, para um aluno de graduação entender Foucault. Dayselane foi desafiada e se entregou ao desafio de corpo e alma, ela é um exemplo de conquista e de esforços a que poucos se aventuram. Confiro a Dayselane o desconto das imprecisões da língua pois acompanhei seus esforços para entregar este texto monográfico no prazo, não dispondo de tempo para as revisões necessárias, fato que pode ser resolvido se lhe dermos o tempo para tal.

Sua monografia se desenvolve com a qualidade necessária a uma aluna que se inicia na produção de trabalho científico de mais peso. É um trabalho mercedamente inovador pelas articulações que realiza e pela metodologia empregada.

Compreendendo que o tema é da maior relevância em nossos tempos e, acreditando que a aluna conseguiu atingir seus objetivos no trato com a problemática colocada, confiro-lhe **nota dez, conceito A** esperando que prossiga em seus estudos.

Prof^a Dr^a Maria Amelia de Souza Reis

* Terceiro avaliador : Professor da disciplina Monografia II

Professor: Ligia Martha C. da Costa Coelho

Nota : 9,5

Considerações Finais:

Trabalho muito bom quanto aos aspectos formais. As páginas que antecedem o texto escrito, porém, contém algumas incorreções. O resumo está muito longo. É necessário uma revisão textual pois houve ampliação no prazo de entrega da monografia, sendo este, entre outros problemas.

LLY

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
9,5	10,0	9,5	29,0	9,7

Rio de Janeiro, 28/04/04

LLY